

J. CHRYS
CHRYSTELLO

Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobretudo pela tradição oral; romances e outras manifestações aqui inseridas são a consequência lógica de um modo de estar na vida. Quem não é capaz de penetrar nesse mundo, complexo e simples, não pode compreender a beleza da construção poética que o povo anónimo criou.

A literatura popular flui com factos históricos, documentos de vida. Lirismo e misticismo casam-se em simbiose perfeita. Os ritos de Carnaval representam a voz do povo, a sua opinião crítica, o seu bom senso, espírito e gosto. A vida biológica ou social é intrincada, mas constitui um todo. Neste, o religioso absorve a maior fatia.

As Lendas e os contos com a riqueza literária de que são portadores e as formas vocabulares neles inseridas, fornecem pistas seguras para as marcas que as colonizações: pré-histórica, romana, germânica e árabe, deixaram em todo o distrito de Bragança.

Limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mours encantadas, oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver, tão desaparecidas como os tradicionais ciclos da vida agrícola-pastoril.



CANCIONEIRO TRANSMONTANO



CANCIONEIRO TRANSMONTANO

fotografia de LUÍS CANOTILHO

Edição da Santa Casa da Misericórdia de Bragança
2005

2005

CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005

FICHA TÉCNICA:

Título: CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005

Autor do projecto: CHRYS CHRYSTELLO

Fotografia e design: LUÍS CANOTILHO

Pintura: HELENA CANOTILHO (capa e início dos capítulos)

Edição: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA

Recolha de textos: EDUARDO ALVES E SANDRA ROCHA (2005), BELARMINO AUGUSTO AFONSO, ELEUTÉRIO ALVES e NARCISO GOMES EM "RAÍZES DA NOSSA TERRA – CANCIONEIRO TRANSMONTANO" (1985)

Transcrição musical: ALBERTO ANÍBAL FERREIRA

Impressão e acabamento:

Tiragem: 1 000 exemplares

Depósito legal:

ISBN:

NOTAS DO AUTOR

Antes de mais quero agradecer ao Dr. Eleutério Alves, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, por ter tido a visão e a confiança para me deixar elaborar este Cancioneiro. Já no passado, em 1985, a ele coube o sonho de lançar a primeira edição desta obra. É igualmente devido ao nosso reconhecimento ao Dr. Eduardo Alves da SCMB, e a Sandra Rocha, (Estagiária do 5º ano Trabalho Social da UTAD – Pólo Miranda do Douro) o nosso muito apreço pelas recolhas efectuadas dentre os utentes da Santa Casa, bem como ao Professor Luís Canotilho que nos ilustrou o livro.

Embora já desaparecido do nosso convívio (27 de Maio 2004) não quero deixar de mencionar, hoje, José Augusto Seabra, meu mentor intelectual e colega de várias iniciativas, que nos últimos três anos foi o patrono dos Colóquios de Lusofonia realizados em Bragança. Foi ele que sempre teve o estímulo certo para os momentos de desânimo, e as palavras de incentivo rumo a uma utopia alicerçada nos seus múltiplos saberes. Foi no seu reinado como ministro da Educação que deu o aval ao Politécnico de Bragança, onde ainda proferiu a Oração de Sapiência em 2003. José Augusto Seabra, um literato no mais amplo sentido, um homem das Letras, um republicano indefectível na senda dos verdadeiros republicanos da Iª República. Como Embaixador promoveu a Língua e a Cultura portuguesas de forma ousada e inovadora nos países onde exerceu; como director da Revista Internacional de Língua Portuguesa das Universidades da CPLP, editou-a com o labor e a minúcia de quem ama a língua. E falo desse homem pois foi graças a ele que aprendi a importância desta terra que em tão pouco tempo me soube cativar, despertando em mim heranças transmontanas obnubiladas e laços de coração e sangue que eu olvidara. Sim, esta terra que me acolhe como quem trata um filho emérito, soube adoptar-me engalanada nas suas belezas que contrastam com a agurra excessiva do seu clima.

A sua qualidade de vida faz corar de inveja os habitantes das grandes urbes portuguesas pois, Bragança, dispõe hoje de bons e modernos equipamentos urbanos, de um tecido social coeso ainda que diverso, e de uma vitalidade sustentada durante a maior parte do ano por mais de 6000 estudantes do ensino terciário e outros tantos do secundário. A atmosfera está cheia de contrastes da sua rica história, do seu comércio tradicional e do mais recente.

Tudo isto serve para me encher de orgulho por viver aqui, nesta antiga Cidade de origem neolítica, posteriormente um importante centro romano localizado na zona actual da Sé. As invasões bárbaras sucederam-se as guerras entre mouros e cristãos que tantas tradições orais deixaram como podemos apreciar neste volume. Essa Bragança primitiva desapareceu permanecendo enterrada até hoje, conforme recentes escavações do programa Polis demonstraram, com inúmeros vestígios que hoje podem ser observados em exposição.

Dentre as lendas mais antigas da cidade está a da visita de S. Francisco de Assis que, aqui parou quando ia em peregrinação a Compostela e fundou o mais antigo convento franciscano em Portugal. O Santo de Assis nunca veio à Península, mas é muito verosímil que o convento franciscano de Bragança esteja relacionado com um albergue para peregrinos de Compostela, que já existia no séc. XII. Essa função de escala no Caminho de Santiago pode ajudar a compreender a fixação de uma importante colónia de judeus, cuja actividade foi decisiva para o desenvolvimento económico da região.

A paisagem é rude e bravia, e numa abordagem fugaz dir-se-ia que aqui só há fraguado. Mas numa das mais importantes revoluções pacíficas que aqui ocorreram, os judeus plantaram amoreiras nos interstícios dessas fragas e nos séc. XV e XVI, conseguiram o milagre de fazer de Bragança um importante centro manufatureiro de veludos, damascos e outros tecidos de luxo.

Noutro extremo menos agradável, a Inquisição mostrou-se particularmente activa em Bragança. Vitimou, ao todo 734, artesãos segundo os números averiguados pelo sábio Abade de Baçal. Naturalmente, nem todos se deixaram apanhar e a maioria (três mil artesãos) fugiu. Os teares fecharam, a produção dos belos veludos de Bragança cessou por completo e a terra conheceu um longo e sombrio período de decadência.

A Bragança de hoje é irmã gêmea da outra celta e romana, dela tendo herdado costumes, língua e artesanato, sempre marcados pela sua importância militar e estratégica mas sem jamais perder as suas raízes rurais, e reza uma importante lenda que na Igreja de S. Vicente, se casou clandestinamente o príncipe e futuro Rei D. Pedro com a dama castelhana Inês de Castro, tema da literatura portuguesa e universal.

Neste volume pretendemos fazer ouvir a nossa voz, através das memórias do passado para que não desapareçam as lendas e tradições que permitiram a Bragança ser uma terra onde se congregam esforços e iniciativas para manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Quando aqui cheguei em 2003, sabia apenas que havia fortes laços de sangue que me prendiam a esta região. Com um avô materno Vimiosense há séculos, uma avó materna e uma mãe alfundeguense, recordava daqui as férias de infância passadas em terras da vetusta região de Bragança e Miranda. Havia primos e tios avós que contavam histórias de outros tempos, e tinham um falar diferente.

Aprendi a liberdade de passear pelos campos até ao pôr-do-sol, montado numa burra ou num macho, sem peias nem fronteiras, por montes e vales, inspirando este ar puro, experimentando detalhes desconhecidos da natureza que a minha juventude urbana desconhecia. Em casa ainda não havia luz eléctrica que essa só chegaria depois do 25 de Abril, mas os campos já estavam plantados de postes de alta tensão. Das vindimas à apanha da amêndoa muitas foram essas recordações que recuperei. Lembro-me de ver como no céu havia estrelas em número inaudito, estrelas que jamais se podiam observar nas poluídas abobadas das cidades portuguesas. Lembro-me do cheiro a feno na Eucísia, do chiar dos carros de bois no Azinhoso, dos cortejos pascais engalanados com as colchas penduradas nas pequenas janelas como seteiras abertas em paredes de grossa espessura. Lembro-me dos burricos e dos seus cântaros saltitantes a caminho da fonte, dos jantares à luz da vela e do sempre presente petromax. As cavilhas na central telefónica do Sendim da Ribeira com doze números de telefones que se ligavam à venda onde tudo se comprava. E havia ainda as celebradas danças no salão dos bombeiros, e as festas típicas em honra do santo da aldeia, onde conheci um povo que desconhecia.

Na pequena e ora semi-despovoada aldeia da minha avó materna encontrei os rituais senhoriais da família Gama do engenheiro Camilo Mendonça onde se ia prestar vassalagem quando ali chegávamos para férias, ansiosos de beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiteiras. Revisito a imagem bucólica do Vale da Vilarça antes da barragem, quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Jules Verne.

Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há cinquenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cônego ou padre, tão comum a tantas famílias da região, numa mescla de respeito, medo e veneração ao cristianismo que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfandagh, para depois ser temporariamente substituído pelos judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Conheci capelas, vi santos milagreiros em altares cobertos de ouro, andei em procissões e fui a missas onde os importantes da terra tinham as suas cadeiras próprias reservadas em pleno altar. Tomei banho em tanques improvisados e provei frutas desconhecidas. Fiquei sempre com esta recordação destas terras e destas gentes e ela me acompanhou no périplo de mundos e na diáspora que me levou a passar metade da vida no Sudeste Asiático e na Australásia. Essas eram, aliás, as únicas recordações agradáveis que levava do país onde cresci. Eram tão importantes que as utilizei numa entrevista em 1989 para dizer na Austrália como era belo este país de bons vinhos e boas comidas, e paisagens variadas. Lembrava-me dos fraguados de Penas Roias (onde fora pela primeira vez em 1962 num jipe dum primo), e da famosa arca do cura dessa aldeia

esquecida, onde só regressaria no conforto do alcatrão em 2004.

No Vimioso percorri as ruas onde o meu avô crescera, vi a casa onde a família habitara que permanecia ativa e brasonada. Em Alfândega da Fé revi os jardins e os parques e as memórias dum castelo que a minha mãe sempre referiu nos idos da memória. Recordei as viagens longas e inesquecíveis pelo Douro acima, em comboios que a estupidez do homem mandou retirar dos carris trocando-os por alcatrão.

Recordo com emoção os jantares feitos à lareira, em tachos negros como a noite, e onde os sabores eram bem diferentes. Depois do jantar, sentados no escano, imaginávamos figuras misteriosas que o fogo e as sombras criavam, antes de nos confrontarmos com o medo de regressarmos aos quartos, atravessando enormes salões onde a chama bruxuleante da vela nos desenhava os demónios de que a catequese nos avisara. Mas, mais terríveis ainda eram as trovoadas em plena época das sezões, quando na Quinta da Bendada (hoje em ruínas e não mais pertença da família) nos anichávamos debaixo da cama, enrolados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara.

Foi tudo isto que eu revivi ao editar este maravilhoso Cancioneiro Transmontano 2005. Foi o facto de saber que não vivi em Portugal os anos suficientes para ter mais recordações de histórias e contos dos avós, e de que a minha mãe hoje com 82 anos é o último elo para tantas dessas histórias e lendas que as tias contavam e cantavam.

Ao sentir que se podem perder esses registos fundamentais duma memória colectiva resolvi meter as mãos à obra e preservar em papel aquilo que tantos idosos nos deram. Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobretudo pela tradição oral, limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mouras encantadas oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver.

Lamenta-se que mais recolhas não nos tivessem chegado a tempo de as publicar. Estamos dispostos a guardá-las para uma próxima oportunidade se alguém as fizer chegar até nós. Mas para já deixo-vos cerca de duzentas e cinquenta páginas desta memória transmontana, nas quais mantive os textos, a introdução e o prefácio da primeira edição publicada em 1985.

Para que os nosso filhos se orgulhem das suas raízes e as preservem.

Bragança, Abril 2005

J. Chrys Chrystello

Discurso de apresentação do livro

05/06/2005

Os aborígenes australianos sobreviveram aos últimos 60 mil anos sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação.

Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa.

Bragança é ainda hoje um distrito possuidor de um enorme acervo de peculiaridades étnicas e culturais, que o seu isolamento permitiu preservar e que derivam da influência de todas as suas colonizações. Esta antiga Cidade de origem neolítica, foi posteriormente um importante centro romano localizado na zona actual da Sé. Às invasões bárbaras sucederam-se as guerras entre mouros e cristãos que tantas tradições orais deixaram como podemos apreciar neste volume, e posteriormente a enorme influência marrana.

Quando aqui cheguei há 3 anos este foi um dos projectos que apresentei por entender que na cultura local, tal como em muitas outras regiões do país, falta o amor-próprio e o apreço à herança de cada um. Os movimentos populacionais exógenos e a atracção pelas grandes urbes levam ao menosprezo do que é mais peculiar e mais notório nesta região. Se houvesse uma verdadeira apreciação multicultural, pode ser que as gentes da terra tivessem maior orgulho no que lhes é único.

Constatarei com tristeza que das dezenas de cartas enviadas a responsáveis autárquicos pedindo apoio nas recolhas de material para o cancionário apenas tivesse recebido apoio do Sr. Presidente da Câmara de Bragança (Eng.º Jorge Nunes), do Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Sé (Dr. Paulo Xavier) e do Sr. Provedor da Misericórdia (Dr. Eleutério Alves). E foi com eles que parti para esta aventura que era a de compilar registos ainda existentes dos traços culturais autênticos da região.

Creio que a exemplo dos aborígenes australianos esta obra pode vir a perpetuar a cultura transmontana que hoje está em risco de desaparecer na voragem urbana progressista, no desagregamento da família dita tradicional e na importação de modas e hábitos estranhos.

A Bragança de hoje é irmã gémea da outra celta e romana, dela tendo herdado costumes, língua e artesanato, sempre marcados pela sua importância militar e estratégica mas sem jamais perder as suas raízes rurais.

Neste volume pretendemos fazer ouvir a nossa voz, através das memórias do passado para que não desapareçam as lendas e tradições que permitiram a Bragança ser uma terra onde se congregam esforços e iniciativas para manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Quando aqui cheguei em 2003, sabia apenas que havia fortes laços de sangue que me prendiam a esta região. Com um avô materno Vimiosense há séculos, uma avó materna e uma mãe alfandegueses, recordava daqui as férias de infância passadas em terras da vetusta região de Bragança e Miranda. Havia primos e tios avós que contavam histórias de outros tempos, e tinham um falar diferente.

Aprendi a liberdade de passear pelos campos até ao pôr-do-sol, montado numa burra ou num macho, sem peias nem fronteiras, por montes e vales, inspirando este ar puro, experimentando detalhes desconhecidos da natureza que a minha juventude urbana desconhecia. Em casa ainda não havia luz eléctrica que essa só chegaria depois do 25 de Abril, mas os campos já estavam plantados de postes de alta tensão. Das vindimas à apanha da amêndoa muitas foram essas recordações que recuperei.

Lembro-me de ver como no céu havia estrelas em número inaudito, estrelas que jamais se podiam observar nas poluídas abobadas das cidades portuguesas. Lembro-me do cheiro a feno na Eucísia, do chiar dos carros de bois no Azinhoso, dos cortejos pascais engalanados com as colchas penduradas nas pequenas janelas como seteiras abertas em paredes de grossa espessura. Lembro-me dos burricos e dos seus cântaros saltitantes a caminho da fonte, dos jantares à luz da vela e do sempre presente Petromax. As cavilhas na central telefónica do Sendim da Ribeira com doze números de telefones que se ligavam à loja ou venda onde tudo se comprava. E havia ainda as celebradas danças no salão dos bombeiros, e as festas típicas em honra do santo da aldeia, onde aprendi um povo que desconhecia.

Na pequena e ora semi-despovoada aldeia da minha avó materna encontrei os rituais senhoriais da família Gama do engenheiro Camilo Mendonça onde se ia prestar vassalagem quando ali chegávamos para férias, ansiosos de beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiteiras. Revisito a imagem bucólica do Vale da Vilaria antes da barragem, quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Jules Verne.

Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há cinquenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cônego ou padre, tão comum a tantas famílias da região, numa mescla de respeito, medo e veneração ao cristianismo que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfândega, para depois ser temporariamente substituído pelos judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Conheci capelas, vi santos milagreiros em altares cobertos de ouro, andei em procissões e fui a missas onde os importantes da terra tinham as suas cadeiras próprias reservadas em pleno altar. Tomei banho em tanques improvisados e provei frutas desconhecidas. Fiquei sempre com esta recordação destas terras e destas gentes e ela me acompanhou no périplo de mundos e na diáspora que me levou a passar metade da vida no Sudeste Asiático e na Australásia. Essas eram, aliás, as únicas recordações agradáveis que levava do país onde cresci. Eram tão importantes que as utilizei numa entrevista em 1989 para dizer na Austrália como era belo este país de bons vinhos e boas comidas, e paisagens variegadas. Lembrava-me dos fraguados de Penas Roias (onde fora pela primeira vez em 1962), e da famosa arca do cura dessa aldeia esquecida, onde só regressaria no conforto do alcatrão em 2004.

No Vimioso percorri as ruas onde o meu avô crescera, vi a casa onde a família habitara que permanecia ativa e brasonada. Em Alfândega da Fé revi os jardins e os parques e as memórias dum castelo que a minha mãe sempre referiu nos idos da memória. Recordei as viagens longas e inesquecíveis pelo Douro acima, em

comboios que a estupidez do homem mandou retirar dos carris trocando-os por alcatrão.

Recordo com emoção os jantares feitos à lareira, em tachos negros como a noite, e onde os sabores eram bem diferentes. Depois do jantar, sentados no escano, imaginávamos figuras misteriosas que o fogo e as sombras criavam, antes de nos confrontarmos com o medo de regressarmos aos quartos, atravessando enormes salões onde a chama bruxuleante da vela nos desenhava os demónios de que a catequese nos avisara. Mas, mais terríveis ainda eram as trovoadas em plena época das sezões, quando na Quinta da Bendada (hoje em ruínas e não mais pertença da família) nos anichávamos debaixo da cama, enrolados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara.

Foi tudo isto que eu revivi ao editar este maravilhoso Cancioneiro Transmontano 2005. Foi o facto de saber que não vivi em Portugal os anos suficientes para ter mais recordações de histórias e contos dos avós, e de que a minha mãe hoje com 82 anos é o último elo para tantas dessas histórias e lendas que as tias contavam e cantavam.

Ao sentir que se podem perder esses registos fundamentais numa memória colectiva resolvi meter as mãos à obra e preservar em papel aquilo que tantos idosos nos deram. Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobremodo pela tradição oral, limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mours encantadas oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver. Lamenta-se que mais recolhas não nos tivessem chegado a tempo de as publicar. Estamos dispostos a guardá-las para uma próxima oportunidade se alguém as fizer chegar até nós. Mas para já deixo-vos cerca de duzentas e cinquenta páginas desta memória transmontana.

Devo concluir agradecendo ao Dr. Eleutério Alves, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, por ter tido a visão e a confiança para me deixar elaborar este Cancioneiro. É igualmente devido ao nosso reconhecimento ao Dr. Eduardo Alves da SCMB, e a Sandra Rocha, (Estagiária do 5º ano Trabalho Social da UTAD – Pólo Miranda do Douro) o nosso muito apreço pelas recolhas efectuadas dentre os utentes da Santa Casa, bem como ao Professor Luís Canotilho que nos ilustrou o livro e a Helena Canotilho que disponibilizou imagens relevantes como as da capa. Seria injusto não mencionar a m/ mulher Helena Chrystello que abdicou de horas importantes para fazer a revisão de toda a obra e que não parava de descobrir pequenos nada que nos haviam escapado a todos. Embora o seu nome não apareça nesta obra foi também graças ao seu apoio que perseverei em compilar este volume.

Espero que todos tenham tanto prazer em lê-lo como eu tive a transformá-lo naquilo que aqui têm, e que possa servir para passar de geração em geração com a satisfação de todos os que podem dizer, comigo, TENHO ORGULHO DE SER TRANSMONTANO.

ACERCA DA IMAGEM

A riqueza e a originalidade cultural de Trás-os-Montes, continuam a ser desconhecidas pelos portugueses e até mesmo próprios habitantes da própria região. O inevitável progresso da região, ultimamente, parece limitar-se às principais urbes. Em consequência das novas exigências técnicas e científicas, as principais cidades transmontanas têm observado uma ocupação extremamente heterogénea de pessoas vindas de outras zonas e países.

Este aspecto tem vindo a determinar aparecimento de duas culturas a dois ritmos numa região tão pequena. A cultura citadina que pretende copiar os estereótipos do progresso de outras culturas em paralelismo com a cultura rural, que a todo o custo prefere manter a sua ingenuidade, autenticidade, tradições e rituais.

Esta cultura autêntica e ancestral, transmitida ao longo das gerações parece querer manter-se e em alguns casos e afirmar-se a partir dos mais jovens, cada vez estão mais consciente do seu valor.

Entendo que a sua compreensão jamais poderá ser absorvida através de uma só linguagem. A simbiose entre a literatura, a poesia, a pintura e a imagem, permite uma leitura mais correcta e simples da realidade transmontana. Neste trabalho, fotografia e pintura, estão intencionalmente ausentes da decoração que a cor possibilita. Pretende-se deste modo não sobrevalorizar a imagem em relação ao texto.

Os textos aqui recolhidos, nesta sociedade da imagem e sem fronteiras, só serão compreendidos através de uma leitura paralela da imagem. A imagem aparece neste trabalho como que a fotografia do bilhete de identidade de um povo autêntico e feliz, por se sentir orgulhoso das suas tradições e rituais.

Sendo que a intenção desta publicação não se limita ao espaço de Trás-os-Montes, será sempre difícil num outro ponto do mundo cultural, sem fronteiras, associar a escrita sem sentir através da observação das imagens da natureza que moldou esses pensamentos criativos, o traje, as expressões, a forma dos rituais, a religiosidade associada ao paganismo, as loas, o comportamento comunitário das populações, as festas e as romarias, etc.

Foi portanto intenção colocar a imagem de forma intemporal e não localizadas, muitas vezes dissociadas do próprio texto. No presente caso, as imagens pretendem percorrer Trás-os-Montes, durante os doze meses do ano, perseguindo as suas gentes de forma discreta e violando a sua intimidade cultural. Tal como o texto, a imagem é um património cultural que não pertence a nenhuma aldeia ou zona transmontana e como tal estão ausentes de qualquer legendagem. A pintura de Helena Canotilho aparece, porque a artista é seguramente quem melhor tem retratado com rigor as gentes de Trás-os-Montes.

Luís Canotilho 2005

1. ROMANCES POPULARES

NAU CATRINETA 1

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar.
Ouví agora, senhores,
Uma história de pasmar.
Passava-se mais de ano e dia
Que iam na vetalta do mar.
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar!
Deitaram solas de molho
Para o outro dia jantar.
Mas, a sola era tão rija,
Que não a puderam tragar.
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar.
Logo foi cair a sorte
No capitão-general.
- Sobe, sobe, marujinho,
Aquele mastro real.
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.

- Não vejo terras de Espanha
 Nem praias de Portugal.
 Vejo sete espadas nuas
 Que estão para te matar.
 - Acima, acima, gajeiro,
 Acima ao topo real.
 Olha se enxergas Espanha,
 Areias de Portugal.
 - Alvissaras, capitão!
 Meu capitão-general,
 Já vejo terras de Espanha,
 Areias de Portugal!
 Mais enxergo três meninas,
 Debaixo de um laranjal.
 Uma sentada a coser,
 Outra na roca a fiar.
 A mais formosa de todas
 Estava no meio a chorar.
 - Todas três são minhas filhas.
 Oh! Quem mas dera abraçar!
 A mais formosa de todas
 Contigo hei-de casar.
 - A vossa filha não quero,
 Que vos custou a criar.
 - Dar-te-ei tanto dinheiro
 Que o não possas contar.
 - Não quero vosso dinheiro,
 Pois vos custou a ganhar.
 - Dou-te o meu cavalo branco
 Que nunca houve outro igual.
 - Guardai o vosso cavalo,
 Que vos custou a ensinar.
 - Dar-te-ei a Nau Catrineta
 Para nela navegar.
 - Não quero a Nau Catrineta
 Que não a sei governar.
 - Que queres tu, meu gajeiro.
 Que alvissaras te hei-de dar?
 - Capitão, quero a tua alma
 Para comigo a levar.
 - Arrenego a ti, demónio,
 Que me estavas a tentar.
 A minha alma é só de Deus,
 O corpo dou eu ao mar.
 Tomou-o um anjo nos braços,
 Não o deixou afogar.
 Deu um estoiro o demónio.
 Aclamaram vento e mar,
 E à noite, a Nau Catrineta
 Estava em *terra a varar*.

RECOLHA (1985) de Sebastião Agostinho Gonçalves, Gondesende – Bragança.

2 POESIA, VERSOS SATÍRICOS, LOAS, APODOS, CASAMENTOS, SERRAR A VELHA, CARNAVAL

1. POESIA.

Era uma vez um homem
 Que três vezes enviuvou
 Casando com mulher pobre
 Grande riqueza encontrou

Grande riqueza encontrou,
 Grande riqueza veio a achar
 Nunca mais àquela porta
 Uma esmola se viu dar

Só na semana santa
 E a semana que há-de vir
 Só ali um pobrezinho
 É que foi pedir

O homem que era
Dorido do coração
A esmola que lhe foi dar
Foi um bocadinho de pão

Saiu a fera de lá de dentro
E das mãos lho foi tirar
Com a ira que trazia
A caldeira foi deitar

Anda cá ó homem,
Anda cá se queres ver
Uma caldeira cheia de sangue
Sem água a ferver

Ó mulher amaldiçoada,
Amaldiçoada de nação
Cobriste-te de ódio
Por causa de um pedaço de pão.

RECOLHA 2005 SCMB, DOMINGOS SARAIVA, Idade: 79.
Localização geográfica: MEIXEDO – ORIGEM + 50 anos.
Localização geográfica: MEIXEDO – ORIGEM + 50 anos.

6. SERRA DA VELHA

No Carnaval era hábito também serrar as velhas.

Com uma serra e um cortiço iam à porta das senhoras mais idosas e diziam por exemplo:

Serramos a tia Emília,
Por já ser muito velhinha.
A madeira que ela dá
Só serve para uma aduela.

Mais tarde, em vez de serrar as velhas, começavam a fazê-lo às novas, cantando ou falando assim:

Agora serramos as novas,
Que as velhas estão carunchosas.
As madeiras que elas dão
Servem para casas novas.

Serramos a Francisca,
Por ser rapariga bonita
A Madeira que ela dá
Serve para fazer uma pipa.

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade – Alfândega da Fé.

7. CARNAVAL, TESTAMENTO DO ENTRUDO TESTAMENTO DO ENTRUDO 1

Testamento do Entrudo feito dia 26 de Março do ano de 1952, por um vimiosense que emigrou para o Brasil.

O Testamento era sempre lido no dia de Carnaval, na Praça desta Vila, à frente do Entrudo.

Durante o ano os acontecimentos de destaque, as cenas, rixas e discussões passadas entre amigos, famílias e vizinhos, no dia de Carnaval saíam para a rua representadas ao vivo e ninguém levava a mal. Como desde há muito se diz «Dia de Entrudo passa tudo».

A 1ª parte deste Testamento refere-se à chegada ao estrangeiro de um vimiosense. A recepção que teve por todas as pessoas, principalmente pelo seu irmão FAGO, o animador, o incentivador dos Carnavais passados nesta Vila e a crítica a todas as meninas, rua por rua.

A 2ª parte é inteiramente dedicada a todos os comerciantes, pessoas de renome nesta Vila.

A 3ª parte é composta pelo Testamento feito ao Entrudo, toda a sua vida e profissões, tendo como final a crítica a todas as outras pessoas de Vimioso tais como, sapateiros, taberneiros, alfaiates, proprietários de Pensões, cortadores, fogueteiros, etc.

Para concluir e como não podia deixar de ser, um agradecimento a todos os Coreanos pelo auxílio que deram a todo o grupo que compunha a contradança. Conclusão final; no dia de Entrudo de há mais de 30 (trinta) anos, a todas as pessoas de Vimioso lhe era dedicada uma quadra. Estes dados foram obtidos através de duas pessoas de Vimioso, com mais de setenta anos de idade.

TESTAMENTO DO ENTRUDO 1ª Parte

Ora vivam, meus senhores,
A todos quero abraçar,
Porque eu não tinha ideias
De este ano vos vir abraçar.

A razão é muito simples.
Eu vos a vou a dizer:
Não queria vir a esta terra
Para tanta pena não ver.

Eu trago muita tristeza
Dentro do meu coração,
Por encontrar de luto
O meu querido irmão

Eu já estava desconfiado
Que alguma coisa se tinha dado.
Estávamos próximos a este dia
E sem me escrever o meu Fago.

Mas sempre tenho amigos
Que auxiliem meu irmão Fago.
Este ano vim a pedido
Da malta do Zé do Telhado

Ele estava a duvidar
Que lhe aconteceria algum perigo.
Até vinha receoso
De não ser bem recebido

Mas isso não aconteceu.
Tudo lhe guardou respeito.
Logo assim que chegou,
Ficou muito satisfeito.

O Camões estava alerta,
Com um foguete na mão.
Vai logo o António Fago,
Deita-o que já vi meu irmão.

Ao chegar o grande homem.
Foi uma coisa de espantar!
Logo o Sr. Carvalho, deu ordens
Para a música tocar.

Ele veio da Argentina,
Dum País belo e formoso,
Ver sua terra predilecta
E a gente de Vimioso.

Quando nesta terra entrou,
Ficou todo espantoso
Por ver tantas meninas
Só a pedirem-lhe gozo.

É tão putanheiro
Que se não pode explicar,
Assim que lhe apiscou a uma
Julgou que era para casar.

As outras com inveja
Olham para ele a chorar
Mas ele logo lhe disse:
- Eu com todas não posso casar.

Para evitar questões
E não estar com maçada,
Vou pedir informações
Qual é a mais bem comportada.

Lá vem o Argentinito
Dos centros da Argentina.
Só veio a esta terra
Para escolher uma menina.

Logo que chegou aos Barreiros,
Deu ais da sua vida.
A única que lhe agradava
Disseram-lhe que estava pedida.

Ao chegar à Capela,

Junto com os seus companheiros,
Viu umas a namorar,
Outras casadas com pedreiros.

Ali não ficou contente,
Logo deixou tudo em paz.
Seguiu imediatamente
Para a rua de Trás.

Ao chegar à rua de Trás
Pintava as trinta mil.
Eu sabia que as havia boas
Mas já se foram para o Brasil.

Ali não ficou contente
Com aquela grande embrulhada.
Logo se foi direito ao Jogo
Que ali só viu canalhada.

Logo que chegou ao Jogo,
Cá o nosso gigante,
Ouviu certas línguas.
Pareciam um alto-falante.

Do jogo seguiu para cima.
Para rua da Calçada.
Mas ali não lhe agradaram
Não quis lá demorar nada.

Seguiu para Caleja das Freiras
Muito bem prevenido;
Que não lhe falasse a nenhuma
Senão era atendido.

Olhou para uma janela,
Ficou todo admirado,
Por ouvir a uma menina:
- Queres dançar o repassiado?

Espera aí, rapariga,
Comigo terás que ter muita cautela.
Não me faças saltar muito,
Senão vou-me já para a Portela.

Aqui paro pouco tempo.
Vou-me já para a outra banda.
Não quero estas meninas,
Porque são todas da propaganda.

Na rua da Portela,
Delas tem que duvidar.
Podem-lhe dar alguma bebida
Para o obrigar a casar.

Até logo saiu
Porque não lhe encontrou graça.
Fugiu directamente
Para o Largo da Praça.

Ao chegar ali,
Viu caras descaradas.
Pois eu a vós não vos quero,
Que já estais reformadas.

Vou-me já daqui embora.
Estas não me interessam nada.
Vou ver se me agrada alguma
Na rua da Malhada.

As raparigas da Malhada
Parecem umas redolhas.

Os rapazes de cá não lhe ligam,
Tem que se agarrar aos trolhas.

Vou a partir daqui
Para a rua da Rapadoura.
Não quero estas raparigas
Que vão com os rapazes para a manjedoura

Esta rua custa a passar
Por haver muito toleiro.
As meninas que há cá
Valem pouco dinheiro.

Estas ainda não lhe servem
Por serem muito impreais.
De tanto que luxam,
Já empenharam os casais.

Vou já daqui embora,
Não posso mais demorar.
A rapariga do meu ideal
No Fundo da Vila devo encontrar

Estou cheio de percorrer,
Até já me sinto cansado,
Já corri as ruas todas,
E se mal de carro, pior de arado

Até parece impossível!
Estou mesmo contrafeito.
Correr Vimioso todo
E não encontrar uma menina de jeito.

Rapazes de Vimioso,
Tanto velhos como novos!
Não queirais raparigas de cá,
Ide por elas aos povos!

Vós não queirais casar cá,
Ide por elas às aldeias!
Sois rapazes tão pimpões,
E as raparigas todas feias.

Esta vida não me agrada,
Não perco mais um instante.
Vou tratar dos meus negócios,
Ali com um comerciante

TESTAMENTO DO ENTRUDO 2ª Parte

Só veio a Portugal
Para dois negócios tratar.
Viu o comércio do Moraes,
Tratou logo de entrar.

Ali pouco tinha que fazer.
Não eram negócios da sua qualidade
Adeus caro amigo,
Vou tratar com o Frade.

Ora viva ó senhor Frade,
Como está como passou?
Eu trago um bom negócio
Que ainda ninguém dele se lembrou.

Bons negócios para mim?
Custa-me a acreditar,
Mas você parece sério;
Faz favor de se sentar.

Então que negócio que você tem
Para ser tão encoberto?

Olhe bem para mim,
Que eu também sou esperto!

Ao ouvir aquilo,
Deu-lhe um choque o coração.
O negócio que quero fazer
Só sendo com o Martins e Irmão

Quando dentro entrou,
Ficou todo admirado.
Disse lá para ele:
- Não sairei daqui roubado.

Vou-me já embora.
Não negoceio em envelopes.
Quero negociar em peles,
Em casa do Antoninho Lopes.

Chegou o Antoninho Lopes,
Já ia fugindo o dia.
Com ele não pude negociar,
Porque andava na orgia.

Já veio um bocado tarde,
Porque vinha lá do fado.
O negócio das lãs não é comigo,
É com o meu empregado Fago.

Se é com o António Fago
Safo-me nesta ocasião,
Mas mandaram-me acautelar
Porque ele rouba para o patrão

Vou-me já daqui embora.
Já não me tenho de pé!
Vou a tratar do negócio
Com o José Virolé.

Antes de entrar para lá,
Alguém o tinha avisado
Tenha cuidado, amigo,
Que daí vai sair roubado

Quando dentro entrou,
Tratou de o cumprimentar.
Diga lá em que negoceia
Para comigo tratar?

Negoceio em castanha e pão.
Aqui outra coisa não há!
Não me serve esse negócio,
Vou-me para casa do Tátá.

Ele logo assim que o viu,
Mandou entrar o cavalheiro.
Para negociar comigo,
É preciso trazer dinheiro!

O que o senhor quer é dinheiro,
Já não há que duvidar.
Adeus, caro amigo,
Vou com o Rodrigues falar.

Ao entrar no José Rodrigues,
Tudo lhe causou espanto.
Por ver tanto freguesia,
Todas tendeiças do Campo.

Quando viu o grande homem,
Tratou logo de o atender.
Diz logo para a criada:
- Traz-lhe alguma coisa para comer

Obrigado, meu amigo,
Já vejo que é grande artista!
Vejo já na sua treta
Que parece ser vigarista!

Até logo, grande amigo,
Já me vou a retirar.
Meteu-se na copofonia,
Não o posso aturar.

Ao entrar no Júlio Buga,
Como de nada sabia,
Viu-o andar a passear,
Por não ter freguesia.

Daí voltou para trás.
Torceu sua carreira
Para fazer negócio bem feito,
Em casa do Fernando Barreira

Ficou muito admirado
Com a freguesia que tinha.
Mas, não se admira nada,
Que grande treta tem a Isabelinha

Dali retirou logo,
Não se fez lá muito velho.
Foi logo cumprimentar
O amigo Senhor Coelho.

Nele viu muita seriedade,
No patrão Senhor Coelho.
Mas já se via roubado
Pelo caixeiro mais velho.

Diz ele lá para o caixeiro:
- Eu em ti já não me finto.
O Patrão não quer que roubes,
Vou-me ao comércio Pinto.

Ao entrar no António Pinto,
Viu que era um grande artista.
Olhou para o João Pinto
E tinha cara de contrabandista.

Logo que o viu careca,
Isto não são grandes fins.
Vou-me já a retirar
Para o Alfredo Martins.

Ao entrar no estabelecimento,
Cumprimentou o grande senhor,
E antes de falar mais nada,
Viu que era hipnotizador.

Assim que o cumprimentou,
E via que tinha trabalho,
Venha cá grande amigo
Vamos ao café Carvalho

Ali tomaram cerveja
E mais bebidas do seu agrado.
Vou acabar o negócio
Em casa do Zecas Machado.

Já vejo que é descarado,
Na sua cara o desengano,
Com o senhor não faço negócio,
Que tem latim de cigano.

Para acabar com tudo,

Vou-me meter no fado.
Mando chamar os coreanos,
E a malta do Zé do Telhado.

Ó que bela malta.
Para comigo andar!
Onde moram as nossas raparigas?
Que à porta lhes quero ir cantar.

Andamos até altas horas
No fado, linda canção.
O cantar-lhe às raparigas
Consola-me o coração

Por mim não me lembraria
De vos ir apartar.
Mas, esta festa são três dias,
E mais tempo não pode durar.

TESTAMENTO DO ENTRUDO 3ª Parte

Senhores e Senhoras,
Prestem toda a atenção!
Vamos ler o testamento
Que D. Entrudo nos deixou

Senhores, que me ouvem,
Façam favor de escutar
Aquele homem que
Seu testamento vai notar.

Em três dias se resume
A sua vida folgada,
Por ser amante, de Vimioso,
Não abandona a rapaziada.

Seu pai era tocaio,
Sua mãe Dona Gertrudes.
Todas as suas manas
Senhoras de grandes virtudes

A mais nova, coitadinha,
Gostava dum capitão
Foi para o pobre Entrudo
A primeira satisfação.

A segunda mais matreira
Namorou-se dum Doutor.
Foi para o pobre Entrudo
A segunda satisfação melhor.

A terceira era bem boa
Mas era pouco leal
Um rapaz pediu-lhe um beijo
E meteu-o no tribunal

Ora vejam a pouca sorte
Que para mim traz alegria
Ainda para dar mais escândalo
Foi parar à moraria.

Para esquecer as melancolias
Destas grandes confusões,
Bebeu durante o dia
Meia dúzia de garrações.

E durante a sua vida,
Até à morte, coitado,
Com palheto e carrascão
É que andava alimentado

Por isso também, às vezes,
Lhe doía o coração,

E como não ser assim
Se tinha aguda lesão?!

Mas foi o rei da ramboia,
Da paródia foi o rei.
Que houvesse outro melhor,
Nunca no mundo achei

Como ele fosse muito rico,
Tivesse muito dinheiro,
Deu-lhe para viajar
Percorrer o mundo inteiro.

Mas se ele tinha dinheiro
Também tinha aptidões,
Que a par de bordaleiro
Lhe deram colocações

Foi ministro, deputado,
Foi notário, foi doutor;
Foi marinho, foi soldado,
Foi alferes procurador

Foi capitão, general
Foi marujo, foi cantor;
Foi na terra o principal,
Chegou a ser prior

Foi abade, sacristão.
Foi polícia carcereiro;
Foi esbirro, foi escrivão,
Lavrador, pantomineiro.

Foi pintor, foi sapateiro.
Dançarino e marchante;
Bispo, foi engenheiro,
E também negociante.

Foi patife, foi honrado.
Trabalhador e madraço;
Foi caixeiro, foi pastor,
E cãozinho de regaço.

Ele teve todos os vícios
Como todas as virtudes.
Em casa só ramboia,
Com vinho sempre aos almudes.

Já prestes a morrer...
Sinto-me muito agoniado.
O que não posso é esquecer-me
Da malta Zé do Telhado.

Baltazar e Zé Pequeno,
E também o Ferrador.
Zé do Telhado e Simão
E Sérgio o vingador

Agradeço a toda a gente
Que se encontra a meu lado,
Mas acima de todos,
À Coreia e Zé do Telhado.

À Comissão do Carnaval
São homens muito honrados.
Para me trazer a Portugal
Ficaram todos empenhados

Zé do Telhado e Zé Pequeno
Não sei qual o mais planeta.
Um empenhou as tesouras,
E outro empenhou a caneta

O Simão e Baltazar
São muito amantes da farra.
Um empenhou a sobela,
E outro empenhou a guitarra.

O Sérgio e o Ferrador,
Já não lhe dou mais maçada,
Um empenhou a mula velha,
E outro empenhou a enxada.

Aos amigos da terra,
Não os quero desprezar,
Vou fazer um testamento
Do que lhe hei-de deixar.

À senhora Conceição,
Muita coisa lhe quero deixar.
700 travessas de ferro
Para a casa especar.

Ao senhor José Diz,
Também o quero auxiliar,
Deixo-lhe a minha criada
Para os hóspedes despachar.

Deixo à amiga Cesária
A bolsa do meu dinheiro,
Para mandar fazer quartos,
Para o fandango não ir para o palheiro.

Deixo ao amigo Zé Toto,
Como a freguesia é tanta
O vinho melhor de Sendim
Para que tenha mais garganta

Deixo ao Chico do Barranco,
A todos mais que tudo.
Como tem pouca barba,
Demos-lhe os do Entrudo.

Deixo ao João Neto
Uma balança sem pilão,
Para pesar o trigo
E a mulher enterrar a mão.

Deixo também ao Izidro
Uma biblioteca sem livros,
Para não andar pelos cabeços
Sacrificar seus filhos.

Ao Amigo Liberdade
Também o quero contemplar,
Deixo-lhe uma fragoneta sem motor
Para o filho guiar.

Ao amigo Garra
Não o posso desprezar
Deixo-lhe um caixeiro novo
Para os fregueses despachar.

A amiga Procópia,
Também lhe quero deixar
5 Reis de paciência
Para o homem aturar.

Deixo ao António Gigante
As agulhas e seus cordões
Para poder consertar
Albaldas molidas e colherões

Deixo ao Manuel Xé

Um vagão de cereal
Para atrair as pombas
Para o seu rico pombal

Também deixo ao Duarte
O livro das orações,
Para ajudar à missa
Em certas ocasiões

Ao amigo Camões,
Nada lhe posso deixar,
Devido à grande indústria
Com o fogo vai acabar

Ao senhor Carvalho e Branquito
Muito tenho que lhe deixar
3500 cadeiras
Para o cliente se sentar.

Ao Aníbal Doutor,
Como está para ali sozinho,
Deixo-lhe um ferro para jogar a barra,
Senão, não gasta o vinho

Deixo ao amigo Barrosão
As esporas e umas luvas
Para andar pelos povos
A intimar as testemunhas.

Ao amigo Branquito,
Também tenho que deixar,
Deixo-lhe a minha espingarda
E o cão para caçar.

Ao Ferraz e Guarda-rios
Não os posso esquecer
Deixo-lhe um peru e um frango
Para com o Bernardino comer.

O Bernardino, desconfiado,
Isto não quis aceitar,
Entrou logo para dentro
E seus objectos foi guardar.

Ao Carrá Procópio e Jagá,
Emílio, e alguns mais
Deixo-lhe um grande presente
O pipão do Zé Moraes.

Lico Eduardo e Beißola,
Muito tenho que lhe deixar,
Deixo-lhe um barco bom
Para no Brasil se irem juntar.

Ao amigo João João
Deixo-lhe a panela e o taxo
E para mais se entreter,
Uma rede e um mingaxo.

Ao José Maria pote,
Como homem pacato,
Deixo-lhe para cada dia
3 arrobas de tabaco

Ao meu amigo Xastre,
Também tenho que lhe deixar;
Uns óculos de meia-idade
Para ver a trabalhar

Não posso esquecer
O meu amigo Candidinho,
Deixo-lhe a minha cadela

Para lhe ensinar o caminho.

Também deixo ao Mosgata
Como é meu inimigo,
Uma espingarda sem canos
Para nunca dar um tiro.

A vós, rapazes solteiros,
Vou dar-vos uma lição:
Não namoreis raparigas de menor
Que é a vossa perdição.

Elas fazem-se inocentes.
Isto é um caso fatal.
Quando lhe chega o aperto,
Vão com vós para o Tribunal.

Ao amigo João Costela,
Como é o mais impertinente,
Deixo-lhe para matar o bicho
10 litros de aguardente.

Ao Carlos do Zé Joaquim,
Também lhe deixo uma lembrança,
Por fazer os calções bem feitos
Para a nossa contradança.

Ao meu amigo Petrela,
Também não o posso esquecer
Deixo-lhe uma batuta
Para a banda reger.

A contradança, Zé do Telhado
Não a posso esquecer
Porque muito bem trabalharam
E a todos fizeram ver.

Às nossas Coreanas,
Tenho muito que agradecer,
Porque ofereceram um bom presente
Para os da contradança comer.

Ao senhor Manuel Silva,
Muito o tenho que considerar.
Pôs a sua casa às ordens,
Para os da contradança se prepararem.

Perdoai-me se vos ofendi?
Mas a vida é mesmo assim.
Gozai, enquanto é tempo
Porque tudo isto tem fim.

Adeus, rapazes e raparigas,
Chegou a hora da partida.
Para o próximo ano estarei
Nesta terra tão querida

E com isto termino,
Não vos quero mais maçar.
Adeus, até para o ano!
Tenho ideias de cá voltar.

RECOLHA (1985) de Narciso João Torrão Vicente – Vimioso.

3 ADIVINHAS

À meia-noite se levanta o francês.
Sabe das horas, não sabe do mês.
Tem esporas, não é cavaleiro.
Tem serra, não é carpinteiro.

Tem picão, não é pedreiro.
Cava no chão, não acha dinheiro.

Resposta: o galo.

À meia-noite se levanta o francês.
Sabe da hora e não sabe do mês.
Tem coroa e não é rei.
Tem esporas e não é cavaleiro.
Pica na terra e não ganha dinheiro.

Resposta: o galo.

Sou verde por natureza,
E de luto me vesti,
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

Resposta: a azeitona.

Tenho um brinco com que brinco.
De tanto brincar me aborreço!
Quanto mais brinco com o brinco,
Mais a barriga lhe cresce.

Resposta: o fuso com a maçaroca.

Eu ao mundo dou governo,
Ao mundo governo dou.
Quando se esquecem de mim,
O meu governo acabou.

Resposta: o relógio.

Eu rindo-me, abro a boca,
Deito fora do meu peito
Uma menina mais linda que eu!
Quem a leva vai contente,
Eu fico com quem me deu....

Resposta: o ouriço.

Tem asas e não voa,
Tem pernas e não anda.
Tem barriga e não come
E dá de comer a quem tem fome.

Resposta: o pote.

Às direitas um afecto,
Ora firme ou inconstante.
Às avessas é cidade
Da Europa muito importante.

Resposta: Roma.

Às avessas, será nome
Bem fácil de decifrar.
As direitas, só à noite
Se poderá contemplar.

Resposta: Lua.

Marme, se as ondas do mar fadais lá
Se um d e um a lhe acrescentais
Certo é que adiviniais.

Resposta: marmelada.

Qual é o nome duma terra portuguesa e está nas portas?

Resposta: Chaves.

O que é que é, que mal entra em casa, logo se põe à janela?

Resposta: o botão.

RECOLHA (1985) de Judite Morais Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.

7. LENDAS

O REI DE ORELHÃO

Naquele tempo, andando um rei a caçar na serra dos Vales e Franco, conhecida hoje serra de Santa Comba, encontrou dois pastorinhos que guardavam o seu rebanho, de nome Comba e Leonardo, seu irmão.

O rei, querendo zombar da jovem menina, pediu para que deixasse deitar a cabeça no seu colo, a fim de o catar. A menina obedeceu, pedindo o auxílio de Deus.

Levado por uma força sobrenatural, o rei adormeceu. A menina para se livrar do seu inimigo, desprendeu o laço do avental e foi-se retirando, ficando o rei com a cabeça apoiada somente no avental.

Quando acordou, foi procurar a jovem menina que ia fugitiva com seu irmão. Quando se encontrou alcançada, pediu o auxílio de Deus, que a defendesse das mãos de seu algoz. E virou-se para uma fraga que estava no lugar, e pediu-lhe com todo o seu coração: - Abre, fraga bendita, para entrar Comba catita.

Ora o rei, quando bateu com a lança na fraga, e não atingiu o alvo que mirava, enfureceu-se e, todo raivoso, virou-se para Leonardo, dando-lhe uma lançada. Deitou-lhe as tripas de fora, e retirou-se. A jovem menina, quando se viu livre, levou o seu irmão para junto de uma poça de água que ali havia, e lavou as chagas. Recolhendo as tripas ficou sarado.

Ainda hoje se encontram as irmãs Jesus dos Santos Jovens, no dito lugar. Santa Comba, numa capelinha junto à dita fraga, no pino do cabeça. S. Leonardo, em outra capelinha, na tal dita poça, onde foram lavadas as suas chagas. A estátua do rei de Orelhão, ao lado de S. Leonardo, montado no seu cavalo, armado com a lança. Aí são venerados os dois santos jovens, Santa Comba e S. Leonardo pela freguesia dos Vales, concelho de Valpaços.

RECOLHA (1985) de Adelino Augusto Fidalgo, Pai-Torto – Mirandela.

A LENDA DO CAVALEIRO CRISTÃO

Quando os Mouros dominavam quase toda a Península Ibérica e batiam já em retirada, a norte e nordeste da mesma, havia um cavaleiro cristão, valente e audacioso. Batalhava com todo o vigor, próprio dos montanheses. Nas pelejas mais encarniçadas, saía pela sua argúcia e arte, sempre vitorioso. Isto valia-lhe do comandante das hostes de Santiago, de tempos a tempos, algumas licenças para descansar e recompensar dos excessos das suas bravuras.

Como o cavaleiro não era capaz de estar inactivo, aproveitava aquele período de licença, que era um mínimo de seis meses, para ir clandestino à sua terra natal, tendo que atravessar todo o território ocupado pelos sarracenos, desde a costa do Golfo da Biscaia até ao Bairro de S. Miguel, na povoação de Vila Verde do Vez, que naqueles tempos remotos, pertenceu aos donatários de Póvoa Rica (hoje Vila de Vinhais).

Escondido e embuçado com trajes regionais daquela época, não se esquecendo do arnês, do escudo e da espada para uma possível emergência, ia passar o tempo que sobejava das viagens de ida e regresso, junto de seus avós, pais e irmãos, ajudando-os nos pesados trabalhos agrícolas, pois o seu mister, antes, depois, e nos intervalos das pelejas, era de agricultor.

Ao nascente do referido Bairro de S. Miguel, a cerca de um quilómetro, existia uma torre fortificada, reduto com barbacãs, ameias, fosso profundo a toda a volta, onde segundo a lenda que verbalmente é transmitida de geração em geração, um rei Mouro, dadas as sucessivas derrotas em todas as frentes de combate, resolveu instalar no seu interior a sua filha predilecta, Fátima-Yusef, que nascera da sua principal odalisca.

Como séquito, seguiu uma escolta de guerreiros experimentados, cujo chefe estava incumbido de velar pela singular dama que, afinal, era uma princesa de fina estirpe. Pelas redondezas constou logo a chegada da Moura. O Cavaleiro Cristão estava cheio de curiosidade. Por isso, pediu a um dos pastores que apascentava o gado nos terrenos à volta da torre, que lhe emprestasse o capote e o bernal e o deixasse conduzir o gado.

Assim fez dias consecutivos, até que conseguiu avistar a dama, que assomou às barbacãs e às ameias da torre. Aquela, conforme o viu, ficou extasiada com a beleza do seu semblante, da cor dos seus cabelos louros, dos seus olhos de íris azul-escuro, dos seus gestos e movimentos másculos e sedutores. Ele, surpreendido, ficou mais extasiado ainda, pois estava na presença de uma dama que lhe prendeu todos os movimentos, dada a sua beleza física incomparável. Ela possuía uma tez moreno-trigueiro, cabelos negros, faces um pouco compridas e acarminadas, olhos de íris negro, em forma de amêndoa, sobranceiras finas e bem arqueadas. Trajava vestido branco de seda rutilante, coberto de jóias, e na cabeça um diadema cravejado de pedras preciosas, tendo ao alto e ao centro, em prata brilhante, a lua em crescente, símbolo da sua religião.

O Cavaleiro conhecia perfeitamente a língua árabe (dado o contacto que tinha com aqueles que caíam prisioneiros) mas estava tão perturbado, que não conseguiu dizer, assim como ela, uma única palavra. Estavam enamorados, mas em completa mudez. Ele, por ver na lua em crescente, um credo diferente do seu, e ela, por visto, pela abertura do capote, num movimento fortuito, a sua espada com a cruz formada, símbolo da religião Cristã. Embora em credos opostos, continuavam enamorados e mudos. Os anos passavam-se e ele sempre que tinha licenças, não deixava de visitar os seus familiares e a sua amada.

Mas... da última vez que se ausentou, o pastor que tantas vezes lhe tinha emprestado o capote a sacola e o gado, invejoso, traiu-o, descobrindo ao chefe dos guerreiros tudo o que se tinha passado e o que ele próprio tinha presenciado. O chefe, irritado, saiu com os seus homens de armas e chacinou toda a família do Cavaleiro, arrasando todo o bairro de S. Miguel, incluindo a sua capelinha.

No regresso à torre, o comandante dos guerreiros invectivou a princesa pela sua maneira leviana de proceder, informando-a que ia levá-la ao rei seu pai, e que lhe ia contar tudo o que se tinha passado. A princesa não lhe deu resposta e aguardou a saída com toda a serenidade.

Porém, na retirada, ao passarem por Pena-Cabreira, a arguta donzela, adiantando-se, escondeu-se num carreiro estreito, abrupto e desconhecido para todos os guerreiros, apanhando-os de surpresa, e, desde o chefe até ao último dos seus guardas, foi-os empurrando para o abismo, com mais de 50 metros de altura, caindo no sorvedouro da cachoeira turbulenta, nas escarpas eriçadas da margem do rio Tuela. Diz a lenda que a princesa, após o lançamento do último guerreiro no abismo, desapareceu na gruta de uma fraga e que ali ficou encantada para sempre, pensando no amor perdido do Cavaleiro Cristão.

Mais consta que, quando o Cavaleiros voltou e vendo os seus desaparecidos e tudo arrasado, ouvindo o que tinha acontecido, monta num javali, de dentuças saídas no maxilar superior do focinho (parecidas com as defesas de marfim dos elefantes, mas em miniatura). Desditoso, procura por todo o termo, tendo em mente a possibilidade de encontrar a princesa. Em vão vasculhou Penha-Escrita, Matrocos, as grutas de Castrião, Rigueiro de Ladrões, o Castro da Ciradilha e depois as fragas cinzeladas em baixo-relevo com as figuras do lagarto, focinho do gato e pata de boi (marcas deixadas pelas legiões Romanas, nas regiões desconhecidas, para orientação do exército atrasado que servia de apoio). Chegou na manhã de S. João à gruta onde lhe pareceu ouvir gemidos longínquos e o chiar de um tear em movimento, na fraga que, depois o povo, passou a chamar da Moura-Encantada.

É voz do povo e com muita convicção, que a princesa ainda lá está encantada, e que o Cavaleiro Cristão voltou aos combates, fazendo por morrer, com propósito deliberado, cheio de cutiladas e de glória, no mais encarniçado da luta e que o javali, fiel ao seu dono, continuou à procura da Moura, ficando por fim petrificado no alto do Castelar, a olhar para a Fraga da Moura Encantada, que se encontra lá no fundo, entre a Torre e Pena-Cabreira.

Na verdade, lá está (para autenticar em parte a lenda), ao sul da Costa, no lugar de Castelar, uma pedra que, vista à distância e do local onde existiu o Bairro de S. Miguel, com o formato de um javali.

No sítio onde foi o referido bairro, são agora umas cortinhas, onde se encontram muitas pedras miúdas (por as grandes terem sido baldeadas), existindo ainda o caminho que formava a rua do antigo bairro.

As pirâmides de cantaria da capelinha, resistiram à erosão e estão colocadas na portada do actual cemitério, assim como alguns perpianhos. Por ter fendido, a sineta que existiu até ao ano de 1677, foi refundida naquele ano, encontrando-se até há pouco tempo, no campanário da igreja paroquial de S. Miguel, cujo Orago é o nome cristão da freguesia de Vila Verde, que é composta por Vila Verde e Prada, tendo a sineta aquela data timbrada.

Os rapazes, mantendo a tradição, continuam na noite de S. João, a «roubar» todos os asininos existentes no povoado, montando-os em pêlo, seguindo o itinerário percorrido pelo javali e o Cavaleiro Cristão, tomando as orvalhadas e a ir escutar a Moura a tecer no tear de ouro maciço, depois de prenderem pela arreata, a coluna de burros, à volta dos restos onde existiu a antiga torre, que os vândalos desmoronaram, só deixando umas pequenas paredes, na miragem de um suposto tesouro.

Lastimamos profundamente que assim tivesse acontecido, pois teríamos um valioso tesouro arqueológico para estudar, embora na parte existente, haja um laborioso trabalho a encetar.

Presenciamos, no silêncio de uma manhã de S. João, juntamente com os companheiros de juventude, de ouvidos postos na entrada da estreita gruta, que atravessa a fraga, um chiar e martelar, que mais parecia um eco remoto, igual ao bater dos pedais e movimento dos pentes e lançadeiras dos teares de madeira, ainda hoje existentes na povoação, e, que a voragem dos tempos, não conseguiu subverter. A tradição continua todos os anos, revivida na noite de São João pela juventude sonhadora e irrequieta do povoado.

Vila Verde, Vinhais, 26 de Fevereiro de 1982 ANTÓNIO ALEIXO MORGADO.

LENDA DE CASTRO VICENTE

Conta a lenda que, pelo século VIII da era cristã, quando os Mouros dominavam ainda a Península Ibérica, por estas terras do Nordeste Transmontano, havia um mouro que se encontrava na fortaleza do monte Carrascal, onde é hoje o Santuário de Balsamão da freguesia de Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Este mouro lançara um odioso tributo – o Tributo das Donzelas que conseguiu impor aos povoados destas imediações. Consistia o nefando Tributo, em obrigar todas as donzelas, no dia do casamento, a irem passar a noite de núpcias, no leito do mouro poderoso e sensual.

Aconteceu que uma formosa donzela de Castro foi pretendida pelo filho do chefe dos «Cavaleiros das Esporas Douradas» de Alfândega da Fé. A jovem honesta e digna recusava-se ao casamento, para não se sujeitar ao tributo das donzelas que o infame mouro do monte Carrascal exigia. O noivo garantiu-lhe que o mouro não a obrigaria a prestar esse tributo, porque no dia do casamento mobilizaria os «Cavaleiros das Esporas Douradas», para fazerem frente ao cruel e tirânico mouro.

Numa manhã radiosa, os noivos e muito povo dirigiram-se para a capela do Santo Cristo da Fraga, onde se realizariam os esponsais. Quando o cortejo regressava a casa dos pais da noiva, um possante e feroz mouro, cumprindo as ordens do Emir do monte Carrascal, raptou a Noiva e colocou-a no cavalo, sendo acompanhado por uma grande e terrível escolta de soldados mouros. Ainda não tinham chegado os «Cavaleiros das Esporas Douradas» de Alfândega. Quando chegaram dirigiram-se para o monte Carrascal, seguindo à frente o noivo desorientado.

No sopé do monte Carrascal, travou-se um terrível combate, entre mouros deste monte e os cristãos de Castro, de Alfândega e de mais povoações circunvizinhas. No ardor do combate, apareceu no Céu, a imagem branca de Nossa Senhora, qual Divina Enfermeira, com um vaso de bálsamo na mão, a curar os cristãos feridos que, de novo, voltavam para o combate. O noivo conseguiu penetrar na alcova do cruel e tirânico mouro, o Emir, a quem decepou a cabeça. Ao seu encontro vem a sua querida esposa já desfalecida, mas ilesa do nefando tributo.

Deste acontecimento resultou o nome de Castro Vicente (em documentos antigos aparece com a designação de VENCENTE), pela vitória alcançada; Alfândega, nome de origem árabe (Alfandagh...) recebeu o nome de Alfândega da Fé.

A chacina dos mouros deu o nome a Chacim. Diz a tradição que a Capela-Mor do actual Santuário de Balsamão fora uma antiga Mesquita de mouros; assim como o Santuário do Santo Cristo da Fraga de Castro Vicente sobranceiro ao rio Sabor, fora também uma Mesquita de mouros que tinha sido conquistada pelos Cristãos, na época histórica da reconquista, e onde se tinha realizado o casamento da donzela de que nos fala a Lenda de Castro Vicente.

RECOLHA (1985) de António Neto Pinto – Castro Vicente.

COMO NASCEU O NOME DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

Era uma vez um mouro que apareceu por este lugar, vindo fugido da guerra.

Como vinha muito cansado, resolveu descansar ao pé de uma árvore chamada freixo, que actualmente já não existe, junto da torre onde há outras derivadas dessa.

Então o mouro deitou-se a descansar à sombra dessa árvore.

Como trazia uma espada, tirou-a da cinta e colocou-a mais ou menos ao meio do freixo.

Daí passou a chamar-se Freixo de Espada à Cinta à terra onde o mouro descansava.

RECOLHA (1985) de Hélder António Casado Madeira – Escola de Freixo de Espada à Cinta-

9. HISTÓRIAS INFANTIS

Quando éramos mandados pelos espanhóis, na Mofreita resolveram mandar alguém para aprender a língua castelhana. Dai que todos os mais ricos e letrados queriam ser os eleitos, mas os que mandavam queriam que fosse alguém que já tivesse alguns conhecimentos da língua.

Entretanto no ajuntamento, enquanto isto se discutia, responde um da assistência:

“Eu já sei dizer qualquer cousa!”

“Então que sabes dizer?”

“Nós los outros”

Nisto responde outro lá do fundo do ajuntamento:

“Eu também sei dizer alguma cousa!”

“Então que sabes dizer?”

“Claro é”.

“Grandes estudantes! Estes já vão. Mais alguém sabe dizer umas histórias daquelas mais antigas espanholas?”

“Eu ainda sei dizer qualquer cousa.”

“ E o que sabes dizer?”

“Tem usted muita razão!”

Assim, foram os três estudar para Espanha, indo parar a Catalunha. Ao chegar tiveram logo a infelicidade de encontrar um homem morto, tiveram dó e ficaram a ver o que lhe passava. Mas, nisto veio a guarda civil espanhola que lhes perguntou:

“ Quem matou el hombre?”

“Nós los outros”

“Vosotros?”

“Claro é”

“Si, si mui claro, mas a palisa que vai levar não sabe usted no que se mete!”

“Tem usted muita razão!”

Levaram os pobres portugueses perante as autoridades, dando início à investigação:

“Quem matou el hombre?”

“Nós los outros”

“Então está visto! Não temem a palisa (porrada) que vão levar?”

“Tem usted muita razão!”

Desta forma e com a culpa formada dos portugueses os espanhóis desataram à porrada neles como era de lei naquela altura. Devolveram-nos depois à terra deles a Vinhais todos esmurrados.

Quando os da Mofreita viram os seus conterrâneos todos negros, perguntaram o que se tinha passado, tendo os guardas respondido que se encontravam naquele estado por terem confessado um crime.

Os da aldeia pediram para ver os chicotes dos guardas, aproveitando a posse destes para desatar a bater nos espanhóis. Os guardas perguntavam se o povo não tinha vergonha de bater em autoridades, tendo o povo respondido a esta provocação com uma acção: despiram as fardas dos guardas, retirando-lhes a posição de autoridades, até que estes fugiram.

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71.
Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.

¹ Por diversas recolhas que mandámos fazer, em anos diferentes, a alunos nossos, verificámos que este romance está quase a desaparecer. Confrontar este romance com as seguintes versões: L. de Vasconcelos, op. cit. p. 1065; F. Pires de Lima, Romanceiro, p. 118; A. Garrett, Romanceiro, Vol II, p. 91; T. Braga, Romanceiro Geral, p. 1 e seguintes.